

I

O calor intenso sufocava, a pouca e pífia brisa que soprava cuspiu um bafo quente, enjoativo. O lençol umedecido e a fronha de algodão desenhavam as laterais do meu trapézio em linhas mal traçadas e disformes. Cheiro de suor e álcool impregnavam o quarto e tudo rescendia a uma noite mal dormida e quase insone e roupas espalhadas pelo chão do quarto. Quase nu, suado, pensativo, fatigado pelo calor e pelo álcool, nem mesmo esse incidente pecaminoso desviava a minha completa atenção. Estava ansioso, esperava ávido o dia glorioso que não tardaria a chegar.

Precisava recompor-me. Durante a solenidade, nenhuma distração seria aceitável. Tinha esse coroamento como base das minhas aspirações, cujos protocolos pretendia seguir à risca, ainda que não fosse dado as cerimônias desse tipo, nada obliterei. A sobriedade seria fundamental. Um pastor, visivelmente de ressaca, ou perturbado por uma noite insone, ou outra qualquer demonstração de fraqueza visível, daria munição para os que cobiçavam o meu posto. Ao menor

deslize, agarrariam nesse ponto e começariam a minar as minhas bases. Muito além do ato em si, o imperioso, nesses casos, seria sempre manter a reputação ilibada.

Nem posso dizer que a noite correu mal. Ao contrário, correu bem. Acentuo, porém, a carga emocional que tenho que superar. Lembrava-me de alguns momentos, um tanto confusos. O perfume feminino e a peça íntima lançada ao chão, junto à casa de banho e não sendo de minha esposa, denunciavam outro pecado a ser adicionado à bebedeira. De modo que, ficou claro que eu havia passado da medida quando deveria estar completamente focado em garantir a minha posse. Confesso que tentei encarar o ocorrido com certo pesar. Vasculhei, perscrutei cada imagem, cada momento, para que à luz da lembrança recente pudesse fazer-me ressentir, ou coisa que valha. Mas não foi possível.

Essa insensibilidade incomoda-me intermitentemente. Fiz exercícios para aflorar algum sentimento transbordante, mas toda essa empreitada foi infrutífera. Todos os eventos motivacionais, ou aqueles de cura, necessitam de certos preparativos comuns e perfeitamente normais, tais como: um ambiente propício, música, orações quase no ritmo de mantras, juntos produzem um efeito surpreendente, milagroso, impactante. Nada, absolutamente nada, resolveu esse problema. Ao longo da vida, fiz algumas consultas com amigos psicólogos para tentar desvendar esse mistério, mas, infelizmente, carreguei e carrego até hoje esse verdadeiro calvário na minha profissão que depende da minha capacidade de ser carismático, de envolver-me com as pessoas e os seus

problemas, pelo menos, parecer estar envolvido. É preciso esforço e treino para superar essa aridez que ainda persiste.

Estranhamente, nunca havia sentido a consciência pesada ou arrependimento. Exortei algumas pessoas ao arrependimento profundo, incentivei incontáveis fiéis à confissão, umas vezes exortei-os publicamente à uma nova visão, a passarem suas vidas em revista e a adotarem novas posturas. Enfim, renascer em Cristo. Armado com as sagradas escrituras, embasava os meus ensinamentos, ainda que nunca tenha feito uso dessas mesmas prerrogativas. Aliás, o convite a uma vida de santidade e pureza nunca fizera sentido algum para mim. Não me sentia impuro ou profano, muito menos santo ou puro.

Eu só queria que as coisas corressem bem. Só queria administrar um empreendimento e ser bem-sucedido. Usaria qualquer expediente para lograr êxito, ainda que para isso, aconselhasse procedimentos característicos e padrões aos outros, que a mim, nada diziam. Vezes sem conta quis dizer ao líder do rebanho, o meu pai, a minha inclinação pela mundanidade, mas declinava do desejo de fazê-lo para o bem da comunidade. Afinal, em que ajudaria a igreja, expondo as fraquezas e ordinarices de um possível e provável líder da comunidade de crentes? Não acabaria matando as ilusões daquela boa gente? Provocar uma discussão nesse nível poderia trazer-me senões, que em nada contribuiriam para o sucesso da organização. Era quase uma questão formulada de forma definitiva. Ou dizer a verdade e buscá-la de todo coração, ou buscar a igreja de todo coração e fazer tudo o que fosse necessário para mantê-la. De modo que, obviamente,

optei pela igreja. No meu íntimo, não gostaria que fosse assim, mas fi-lo sem nenhuma mácula no pensamento.

Nessa noite tive uma certa inquietação. Talvez venham a ser a mesma coisa: inquietação ou arrependimento. Ou talvez outra coisa qualquer, um pecado... não tinha certeza. Vivi esse sentimento torturante não pelo ato em si, ou por não ser ético, mas pelo medo que viesse a conhecimento público. A visibilidade das ocorrências dessa noite poria todo o nosso sucesso em xeque, toda a comunidade de fiéis em descrédito, a igreja, os negócios, tudo estaria comprometido, pelo menos para mim e para a minha família, e poderia levar-me ao banimento da comunidade, – quando se é destituído e banido, é-se atirado a um limbo por toda vida – o que não aconteceria se pudesse evitar. Por fim, enquanto refletia, uma enorme sonolência foi-se apoderando do meu corpo, tornando os pensamentos confusos, repetitivos, monótonos. A cabeça, esfregando-se no travesseiro, aninhou-se encontrando uma posição confortável, definitiva e adormeci.

Dormia, acordava. Levantava e escrevia. Escrevia até que arrasado pelo cansaço, deitava de novo numa luta arrastada, modorrenta, com prazo indefinido para o completo restabelecer das minhas forças. Deitava, voltava a levantar e a escrever.

Tive uma estranha inspiração. Vislumbrei a ideia de contar a minha história, sem pensar propriamente se a publicaria ou não, apenas com a simples intenção de relatar um segredo, um diário... expulsar os pensamentos turbulentos e exorcizar os fantasmas. Ainda que não soubesse a forma que tomaria, optei por trocar alguns nomes, sabendo, porém,

que, aos conhecedores da história ficaria muito claro quem é quem e a quem se dirigiam os acontecimentos.

Escrevia e parava, espreguiçava-me estendendo os meus músculos ao máximo, e em alguns momentos andava pelo quarto perscrutando os meus pensamentos. Voltava para mesa e escrevia compulsivamente.

Tudo andava de acordo com os princípios sagrados da privacidade, os telefones desligados, a casa semicerrada à meia-luz, tendo como testemunha a penumbra a encobrir os olhares indesejados. O criado mudo, parcamente iluminado pela fresta da janela, lampejava um fecho de luz da iluminação pública, com seu tom avermelhado de mercúrio, cortava a capa de couro da Bíblia que cuidadosamente repousava ao lado da luminária. Era a minha Bíblia de estudos, de consulta, que vergonhosamente vergavam páginas incólumes lisas de pouco mexer. Tinha outra, porém, usada pelo meu pai, que também a herdei toda amassada e sublinhada, com referências tingidas de vermelho e linhas de esferográfica azul que ele riscava com a régua para não passar por cima da escrita, somente sublinhada, rigorosamente sublinhada. Não necessitava de outra. Praticamente os textos usados nas pregações dele e de muitos outros, as palavras-chaves, os sermões usuais, os cultos, quase sempre eram baseados naquelas matérias, e orávamos a Deus que não viessem perguntas para além do ensaiado, coisa que criaria constrangimento, pois, preparávamo-nos para cada culto com as linhas de ação já determinadas, com elucidações e respostas prontas e o roteiro que devia ser seguido para não nos desviarmos do guião.

Eu, homem de Deus, compromissado cada vez mais com a igreja que depositara confiança na minha herança, homem de púlpito que exortava o povo com veemência a seguir o caminho do Senhor, acostumado a condenar comportamentos que o meu pai, moralista e fundador da igreja, também condenava, era para mim um acaso que me deixara levar a cometer tantas práticas nefastas em uma só noite.

Em muitos anos, fora a primeira vez que minha amada esposa, mulher temente a Deus e fiel à igreja, levava os nossos filhos para passarem uns dias no campo, na casa dos avós e sub-repticiamente o inimigo, ele mesmo – o diabo – aplicara todos os seus engenhos, obra de Satanás na satisfação da carne, e conseguiu.

Sucumbi mesmo, temia que descobrissem o ocorrido. Estava disposto a manter a história em sigilo. Voltei os meus pensamentos para a conquista da herança que se aproximava cada vez mais com o passar das horas, o dia que coroaria os meus esforços e tudo seria diferente. Após, veria o que fazer para solucionar o episódio em que me meti, estava tudo sob controle, essa oportunidade não me escaparia, tomaria o que é meu de direito.

Mentalmente tomava posse de tudo o que cobiçava, sentia-me dono de tudo, chefe e reverendo a apascentar o meu rebanho, a ganhar novos escalões, a alcançar patamares mais importantes. Estava absorto nos meus devaneios, nos quais encontraria o meu destino que se aproximava inexorável, já não era hora para lamentos. Decidi registrar tudo, relatando o que vi e vivi e não poderia deixar de começar

senão pelo meu pai, que começou todo esse universo em que me encontro e que luto orando todos os dias para que Deus acrescentasse em mim a tão propalada fé. Desejava experimentar esse sentimento.

Lembro de meu pai, o conhecido pastor Genésio e fundador da Igreja, que evangelizou boa parte das pessoas de bem do meu bairro e que, infelizmente, não viveu para ver o maravilhoso crescimento do seu trabalho, sendo reduzido a uma nota de pé de página nos autos da igreja, mas que dele não esqueceu e disso sou testemunha.

O meu pai era homem de fé inquebrantável, via-o com maior admiração. Simples, sério e religioso, com intensa vivência espiritual, interiorizou o conhecimento da palavra de Deus, fruto de trabalho e disciplina, sobretudo de oração. Via aquele homem encorpado, de tez clara, esmurrando o púlpito, exortando o povo ferozmente, entronizado naquele paupérrimo púlpito quase sempre improvisado no difícil início da igreja, a admoestar o povo com as suas cartas paulinas que segurava na mão enquanto berrava com a autoridade sacerdotal. Lia as cartas contumazmente e repetia-as para mim, imaginando-me o seu sucessor, primogénito, entendia que eu deveria sucedê-lo.

— As cartas de Paulo são menos importantes espiritualmente do que o evangelho, porém, muito mais importantes para orientar o povo nos costumes que qualquer outro texto bíblico. — Dizia.

De fato, as cartas paulinas regiam o seu estranho método teológico, sendo ele autodidata, criou-o para si mesmo e por conseguinte para o rebanho que timidamente crescia.

Com o passar dos anos e as inocências substanciais da idade, esvanecerem-se, e via o meu pai exercendo toda aquela autoridade moral dentro e fora da igreja. Também era dado a rompantes de alegria mundana nos quais sobressaíam as andanças pelas cidades vizinhas, nas quais varava noites em vigília com outros homens de Deus. Vi que essas vigílias não eram tão santas e os companheiros de longas noites, na verdade, eram as “irmãzinhas”, como mordazmente as chamava assim, mulheres da vida que não eram dadas à oração e ao jejum, como ele mesmo dizia em tom irônico, mas conseguiu manter essas andanças abrasadas pelo pecado em segredo com a corroboração de minha amada mãezinha, que ratificava as suas noites isoladas da família, sabendo, porém, onde ia. Mantinha a fraude para respeitosamente equilibrar a paz doméstica, e fê-lo tão bem que a sua posição de primeira-dama da igreja e mulher de respeito e oração seguisse incólume mesmo após a morte dele e que os segredos nunca fossem conhecidos pela congregação, ou quiçá, não fossem percebidos como algo substancial.

É importante salientar que o desgaste provocado pelas noites pecaminosas dele, fez a saúde da minha mãe abalar-se, o corpo forte e bem distribuído estava a arruinar-se a olhos nus e havia tristeza nos seus olhos. Finalmente, isso tocou o coração dele e pelo bem-estar da família e de sua carreira pastoral, sossegou e abandonou as “longas vigílias”. Por outro lado, sendo também chefe de família e zelando pelo bem da mesma, ela nunca reclamou, nunca tornou pública a infidelidade matrimonial. Foi por causa de seu enorme esforço

que nos assegurou a casa pastoral, construída com amor e mutirão dos irmãos por ele mobilizados, onde vivíamos e vivo até hoje, além de ter-nos permitido estudar em boas escolas.

Decerto quem construiu a igreja e a casa pastoral foi Seu Eustáquio, que nos horários e dias de folga, administrava com mão de ferro os operários da igreja, feito só alcançado graças ao prestígio do meu pai cuja dedicação à igreja exigia sacrifícios de todos e que, de bom grado, o faziam.

O Pastor Genésio, desde que largou a vida mundana ou aquilo a que ele chamava assim, abraçou a carreira evangélica motivado por causas humanitárias. Era justo e não era corrupto, pois o seu defeito não provinha das ambições financeiras, mas de uma libido incontrolável. Geriu bem a sua carreira, galgando o seu “*status*” de pregador devido à leitura interminável das escrituras e, a muito custo e com habilidade administrativa notável, transformou um pequenino círculo de orações em uma pequena igreja rentável, o suficiente para construir uma empresa saudável juntamente com a casa pastoral.

A casa foi construída com o traçado de um solar, confortável no qual dispúnhamos de quartos individuais, amplas salas, um jardim e um quintal arborizado. A copa, onde costumávamos receber amigos e irmãos da igreja, dispunha de espaço suficiente para andarmos ao redor da mesa de jantar sem atrapalharmos os serviços da cozinha. Ambos os terrenos foram doados por pessoas sem vínculo a nós, cuja pregação do doar e desapegar-se das coisas materiais surtia efeito e o povo respondia às intenções do pastor que arregimentou

o necessário para acolher os visitantes deslumbrados pelo empenho abnegado dos membros. Com o seu tino comercial apurado, concomitante a oratória que alimentava os fiéis, pude estudar na melhor escola de teologia da região de forma a realizar as esperanças do meu pai de um dia estar preparado para sucedê-lo.

Ainda éramos modestos, uma pequena congregação, conseguíamos retirar do pouco, o suficiente. No entanto, todos os esforços do meu pai tinham a intenção de fazer-nos crescer, sonhava tornar todo aquele empreendimento em um império. Devo ressaltar que não o ambicionava pelos dividendos financeiros, o que o encantava era o poder, era aquela aura de santidade que o cercava e lhe trazia admiração.

Nunca passamos necessidades, tínhamos certa fartura e as contas sempre pagas, o negócio tinha potencial. Inúmeras vezes via-o beber um cafezinho após o jantar, caminhar lentamente e sentar-se na pequena poltrona que repousava no centro da varanda. Pensava intermináveis minutos, apoiava os braços no descanso da poltrona, dobrava a perna direita sobre a esquerda, e quem quer que estivesse por perto, iria ouvir um relato detalhado das ambições e dos sonhos de grandeza do velho.

Asseguro que o primeiro projeto dele foi bem-sucedido, transformar o círculo de orações em um investimento com retorno e pôr os seus filhos na Universidade. Eu fiz teologia. Segundo a avaliação do meu pai, o meu irmão mais novo não apresentando vocação alguma para a vida sacerdotal, foi liberado para seguir a carreira que desejasse, e assim concretizar

o seu sonho, viver no campo. Foi estudar um pouco mais distante da família, na Universidade Rural, onde brilhantemente terminou o curso de agrimensura. Por sorte, a sua formação religiosa não estava nos planos do meu pai, pelo que ele não hesitou em permitir que se fosse embora, porém, desde o início apostou na sua formação sustentando-o até iniciar o estágio.

Não tardou muito a ser contratado por uma família importante do centro oeste para medir as suas terras. Casou com uma irmã da igreja, uma mulher linda que tinha os joelhos marcados pelos sulcos profundos do hábito de orar. Fiel e polida, de ancas largas, cintura delgada, elegante e boa dona de casa, indicando que o seu lar seria abençoado e repleto de numerosa prole, assim queria o meu pai. Com efeito, eles só tiveram uma filha, a qual só vimos uma única vez quando completou a idade escolar apropriada. Apesar de não termos perdido o contato, quando revi a minha sobrinha, era ela uma mulher feita e disso falarei alhures.

Tínhamos uma estrutura funcional, no entanto modesta. Destas que concentram o espírito naquilo que realmente importa, o fortalecimento da fé e a união entre irmãos. Era de todo despretensiosa, uma construção pintada de branco com janelas azuis que lhe davam um aspecto sóbrio, tinha quatro janelas de madeira barata grandes e duas portas amplas, quando abertas arejavam o seu interior nos dias mais quentes. Nos fundos estava o quintal, igualmente grande, tinha um grupo de mesas e cadeiras de concreto fincadas debaixo de uma árvore frondosa e ali se realizavam as escolas

dominicais e um pequeno anexo abrigado onde funcionava o ministério infantil, cujo intuito era distrair as crianças enquanto os adultos se concentravam na palavra do Senhor.

O terreno era enorme, mas com a simplicidade típica dos sítios do interior, de onde provinham quase todos os membros expulsos de suas terras pela pobreza crônica do interior do país. Nada que se comparasse ao templo multifuncional que teríamos depois, graças à ajuda do Sr. Bispo, com quem, com a graça de Deus, nos associamos posteriormente. Sobre isso falarei mais à frente. Foi o corolário de todo um esforço em transformar uma pequena igreja familiar, com os seus pequenos negócios subjacentes, em uma organização próspera e em tudo bem-sucedida.

As minhas primas eram o modelo das jovens que queríamos na igreja. Simpáticas, com sorrisos encantadores, perseveravam na reza, e, desde tenra idade, faziam parte da esfera de oração da igreja onde os membros se divertiam em ver compenetradas as crianças, com as mãozinhas postas, moverem os lábios a repetirem orações que desconheciam os seus significados mais profundos ou, quiçá, qualquer significado. Depois de crescidas e assumidas nas suas funções espirituais, também participavam do círculo de orações de D^a Alda, pessoa fundamental no desenvolvimento da igreja – que merece a sua história contada com destaque.

Ela misturava o serviço da oração e a assistência material dos desafortunados que com ela rogavam nas noites de quarta-feira e que ela, peremptoriamente, declinava qualquer convite sempre repetindo:

— Ah, não! Na quarta não pode ser. Tenho os meus carentes para cuidar!

Particularmente, eu via esse investimento um tanto sem retorno, um investimento a longo prazo sem garantias de espécie alguma, mas D^a Alda era intransigente no comando dessa assistência, com envergadura moral obrigava todos a tolerarem o projeto mesmo com discordância de alguns.

O meu pai, cuja supervisão de ambas as casas de oração, fazia questão de acompanhá-la, sorria satisfeito de ter entre os seus quadros pessoa tão bondosa, aquilo que ele dizia se assemelhar a uma santa moderna, abençoando os serviços das suas filhas com amor. Tudo parecia andar conforme o seu querer.

O resto da minha história de família é redundante e não vale a pena descrever, salvo a vida matrimonial de minha mãe que adiantei anteriormente e a sua poderosa oração. Aconselhava os que lhe pediam orações para um problema aqui e outro ali, a fazerem as suas próprias orações, pois isso, agradava a Deus.

Dona de casa, que a governava com pulso firme, cuidava com tal zelo que superou as arruaças do meu pai nos seus encontros libidinosos e, por amor à família, suportou tudo com garra, de modo que ele pôde concentrar as suas forças nas obrigações da igreja. Ela nunca superou o trauma de ver o marido envolvido, durante tanto tempo, com mulheres libertinas e desavergonhadas.

Na minha idade adulta e mesmo depois do meu casamento, nunca vira um gesto de carinho seu para com o meu

pai. Não era por falta de amor que carregasse no peito, pois derramava-nos afeto. Mas sim, pela vergonha como ele a tratava, usando-a como parte de seu engenhoso ministério, apresentando-a como um exemplo de mulher cristã. Em casa nada disso se via, mal se esbarravam e provavelmente assim o procediam também na cama.

Por vezes, via-a chorar em prolongadas orações e súplicas silenciosas, balbuciadas com cuidado para que não a ouvíssemos. Tinha tato e carinho pela sua família, a ponto de, na inocência pertinente da infância, antes que as máscaras da santidade caíssem, fazer com que tivéssemos orgulho do nosso pai nas suas longas vigílias. Fazíamos silêncio quando ele regressava a casa para que descansasse e ela falava-nos dos sacrifícios dele em deixar a família para orar e atender aos necessitados naquelas noites imensas e solitárias. Graças a ela, o Pastor Genésio gozou de reputação inviolável e de auréola de santidade até o fim de seus dias, chamado por todos de Reverendo e em sua honra, o título incomum é usado até hoje para designar os que assumem a autoridade de pastor presidente. Foi o seu empenho, em ocultar a verdade sobre os passeios noturnos dele, que o galardoou com esta áurea santa e sábia, testifico, porém, que a sua sabedoria era verdadeira, quanto a santidade... nem tanto.

Ele esforçou-se em anunciar o meu nome na sua linha de sucessão e não perdia a oportunidade em exaltar as minhas qualidades e vocação. Mesmo sem eu nunca ter manifestado esse desejo, isso era de menor importância para o seu projeto. Todos esses anos, ele havia investido em mim,

na minha formação e trabalhara na propaganda quase que diariamente, nem ouvindo um sim e nem um não. Decerto que a igreja, ainda em seu formato inicial, não despertava nenhuma ambição em opor-se à minha carreira idealizada pelo pastor presidente e seguia sem problemas.

Posteriormente, quando a igreja dera sinais de crescimento e o “caixa” começou a ficar interessante, foram-se sucedendo os olhares de inveja e cobiça, nasceram na mesma proporção em que aumentavam os membros. Os cochichos pelos cantos escuros do salão nos intervalos dos ofícios religiosos e os grupos atentos ao potencial comercial daquela instituição, despertavam uma corrida silenciosa, mas não declarada de sucessores. Quando arguido, se o seu desejo era também o de Deus, o meu pai finaliza a conversa dizendo que orava para que o seu filho estivesse preparado quando ele, o Senhor dos Exércitos, fizesse o chamado, delegando a Ele, a sua vontade de ver-me no púlpito, encerrando as discussões de forma que ninguém pudesse contestar a vontade divina.

Todos, a bem da verdade, usavam do mesmo expediente alegando que também oravam, pedindo ao Espírito Santo a função de indicar o próximo pastor-presidente, inibindo assim a aspiração do meu pai. Entretanto, a eventual possibilidade de ser realizada essa vontade do Espírito Santo continuava um problema insolúvel, já que ninguém conhecia a sua vontade. É verdade que essa mesma vontade é subjetiva, já que o mesmo Espírito Santo orientava diversas denominações dizendo uma verdade para cada uma delas, de forma que, ou ele mentia para todos ou nenhuma delas recebia orientação alguma

dele. Na grande maioria das vezes, escrevendo, analisando e expondo as suas próprias interpretações das escrituras e os usos e costumes e, delegando a tal orientação ao Espírito Santo de maneira a torná-la incontestável. Acreditava ainda, que o curso de teologia dar-me-ia uma formação de oratória e eloquência e bases suficientes para o aprofundamento da fé.

Com efeito, a primeira parte de seu plano para mim, saiu-lhe um tiro pela culatra. No seminário teológico, onde estudávamos disciplinas complementares para aprofundar os estudos em história e religião comparada, quanto mais mergulhava nas histórias bíblicas buscando alicerces, mais se tornava difícil aceitar as escrituras como inerrantes. Aliás, longe disso. A Bíblia é repleta de dados incertos, de figuras de linguagem e sobretudo de fábulas na melhor acepção da palavra, tudo com um certo fundo de verdade, mas, exagerado como o é qualquer mitologia. Nunca vi problema nenhum em fazer esse tipo de leitura das escrituras. Qualquer história, mesmo que exagerada ou fantasiosa, ganha um fundo de verdade se dentro dela existirem elementos e dados verdadeiros. Não considero nenhuma história bíblica mentirosa, entretanto, todas são exageradas e superdimensionadas.

Não se pode negar o esforço colossal de Moisés em construir a nacionalidade hebreia a partir de algumas visões que ele teve nas extenuantes vigílias que fazia no deserto. Entretanto, tentar assimilar essa visão e, mais ainda, atribuir a outro povo além dos hebreus a herança dessas histórias, chega ao limite da indecência de estar a apropriar-se de uma cultura que não é a sua. É tentar, de qualquer forma, adotar os códigos de conduta,

as leis, os costumes, as tradições de uma cultura longínqua e assimilar essa mesma cultura forçando um elo inexistente. Mas, concentrei-me no essencial: garantir boas notas e evitar discussões sem propósito com os professores, coisa que não ajudaria na minha carreira. Sobretudo não queria decepcionar o meu pai que tanto se empenhara na minha formação e tantas horas se dedicara a minha futura candidatura, mas a crença inabalável nos dogmas sumira para sempre. Era matéria obrigatória naquele seminário: a história da igreja e, conforme aprofundávamo-nos nos estudos, mais me distanciava da fé.

Era deprimente ver aquele movimento heroico fundado sob pés descalços na palestina, na areia seca do deserto, homens corajosos que criam naquelas palavras de amor e fraternidade cuja origem remonta a um certo João Batista. Um jovem eremita, asceta que renunciara ao mundo para não se contaminar com as mentiras farisaicas. Apesar da tenra idade, contrastando com a voga dos cabelos brancos que davam aos homens hebreus aquela aura de autoridade e sabedoria. Aquele jovem excepcional desafiava Roma, o Sinédrio e a Herodes. Ousou enfrentar com suas verdades as estruturas sociais e religiosas vigentes e batizou outro jovem rabi, que como ele, desafiou a ordem estabelecida, pés descalços e longas madeixas eram sua marca, todo o patrimônio se resumia a uma bata e um alforje de couro. Assim, foram assassinados pelas mãos do estado, da intolerância e pelas forças opressoras de então.

Eu estava apaixonado pelo Cristo e pela ideia do cristianismo, mas então, entramos em Constantino e aí começaram

os problemas. O movimento clandestino transformou-se em braço psicológico do estado, os gnósticos foram assassinados e os que se pronunciaram contra o infame concílio de Nicéia foram perseguidos. Uma força negra tomara a igreja de assalto e a desobediência a ela condenada sob pena de morte dolorosa. Depois vieram as cruzadas e seus horrores. Depois a inquisição. Entretanto, adentrei o estudo dos erros históricos dos nossos patriarcas, crimes igualmente hediondos, os reformadores eram tão cruéis quanto Roma. Depois, as colonizações e suas monstruosidades, a colaboração com as ditaduras e as forças mais perversas da terra.

Por fim, já não queria fazer parte daquilo. Sentia constrangimento, não era bem dessa forma que gostaria de ser libertado pela verdade. Mas, na noite que a vida religiosa deixou de ser interessante, por uns momentos longos, pus-me a refletir que carreira poderia seguir se rompesse com a igreja, pensei fazer um teste vocacional, mas não me interessei de fato. As perspectivas não eram animadoras, havia recessão econômica, as realidades salariais eram limitadas, não pude ambicionar nenhuma carreira profissional que realmente me dissesse algo, nenhuma me entusiasmou. Se deitasse para trás esses episódios da história, se fizesse um pequeno esforço, teria todas as ferramentas e suportes necessários para uma carreira vitoriosa. Pesei as prioridades e toda essa discussão sobre o passado, parecia coisa superada, pelo menos, esperava que sim. Não poderia viver com essa dúvida, tive que escolher. Se optasse por essa verdade, teria que, por obrigatoriedade, renunciar a tudo e deixar claro ao meu pai

que cairia na apostasia, além de perder o apoio considerável, teria que arcar com as consequências do ato de rebeldia.

Tinha uma carreira pela frente e não queria pensar sobre verdades ou mentiras, precisava determinar prioridades, estava inserido no escopo da ideia, tinha absoluta intimidade com a rotina de trabalho, um projeto de família a dar continuidade e tomar por herança o que meu pai fundou, um negócio que sabia gerir. O que mais poderia eu desenvolver com habilidade e ter um lucro? A igreja somente me interessava do ponto de vista operacional.

A verdade é um ponto de vista. Se no passado erramos, isso já não era problema nosso. Naquele momento, devia pensar na minha família. Agora tinha filhos, uma esposa e um emprego garantido. Porque me importaria? Assim vali-me do meu curso, usei o meu diploma e tomei o que era meu por direito na igreja. Com isso, garanti o sustento da família.

Decidido a não atrapalhar os negócios da família, observei obsequioso silêncio, oportuno e elegante, que mantive até aos meus dias atuais.